
"QUEM SOUL EU": a transição entre personas de Linn da Quebrada nas plataformas digitais¹

Jonara CORDOVA²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

O presente artigo trata sobre o trabalho da artista multimídia Linn da Quebrada, que é atravessado pela relação indissociável entre as suas performances e a sua performatividade de gênero. O foco da pesquisa está na narrativa construída pela artista, por meio das plataformas digitais, que explicitam a transição para um novo momento na sua carreira. Para isso, foi realizada a análise de três episódios em que a artista se apresentou ao público, antes do lançamento do seu novo álbum, intitulado Trava Línguas. A investigação demonstra que, com o seu constante trânsito, Linn da Quebrada transtorna as expectativas do mercado, tomando para si a narrativa da sua própria história.

PALAVRAS-CHAVE: performance; performatividade de gênero; ativismo; corpos dissidentes.

INTRODUÇÃO

A arte e a política sempre estiveram muito próximas. Essa relação é historicamente utilizada por minorias sociais como uma maneira de criar resistência às opressões. A cena ativista atual, no Brasil, se mostra fortemente engajada com os corpos dissidentes, por meio da produção de narrativas contra hegemônicas, autobiográficas e autoficcionais (TRÓI, 2018). Rocha (2018) destaca essas características em obras de artistas ligadas ao que ela chama de ativismos musicais de gênero. Essa cena, composta pelas dissidências, tem artistas que fazem parte das juventudes periféricas e, a partir do acesso ao celular e às tecnologias móveis, apropriam-se do conteúdo mainstream e utilizam as plataformas digitais de redes sociais como espaços de visibilidade, combinando esses elementos com as suas vivências e criando um conteúdo cultural próprio.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unisinos, e-mail: jonaracordova@gmail.com.

No cenário atual, uma artista que tem utilizado plataformas digitais, tanto na produção e apresentação das suas performances musicais, quanto na divulgação delas, é a Lina Pereira, mais conhecida pelo nome artístico Linn da Quebrada. Natural de uma região periférica de São Paulo, Linn se declara bixa preta e travesti. Ela iniciou o seu trabalho artístico apresentando performances teatrais. Posteriormente, apostando na música, foi por meio das plataformas digitais que alcançou visibilidade, a partir do clipe da música *Enviadescer*, publicado no YouTube em 2016. Em 2017, a artista lançou o seu primeiro álbum, chamado *Pajubá*, viabilizado por meio de um financiamento coletivo. Desde então, Linn da Quebrada tem conquistado cada vez mais espaço midiático e reconhecimento pelo seu trabalho, borrando as fronteiras entre as margens e o *mainstream*.

Além de estreiar no seu próprio documentário, *Bixa Travesty* (2019), que foi premiado em diversos países, de atuar em séries e filmes e de apresentar um *talkshow* ao lado de Jup do Bairro, a artista lançou, em julho de 2021, o seu segundo disco, *Trava Línguas*, no qual apresenta uma sonoridade e uma estética totalmente diferente da que vinha produzindo até então.

Em meio a tudo isso, a necessidade do distanciamento físico, provocado pela Covid-19, impediu que os shows presenciais ocorressem. Portanto, por meio das suas performances e performatizações em diversas plataformas digitais, a artista construiu uma linha narrativa entre o fim da “Era Pajubá” e o início da “Era Trava Línguas”. A partir de uma pesquisa exploratória de três episódios, identifiquei alguns dos elementos utilizados por Linn da Quebrada neste trânsito entre ciclos, conforme demonstro neste artigo. Essa pesquisa é parte da minha investigação de mestrado e não tem a pretensão de trazer respostas, mas sim, gerar novos questionamentos e discussões que possam contribuir com o meu trabalho acadêmico.

PERFORMANCE, PERFORMATIZAÇÃO E PERSONAS

Goffman (2009) e Giddens (2002) destacam que a performance não é algo que se resume aos artistas, pois, indivíduos “comuns”, como atores sociais, assumem diversos papéis e personas ao longo da vida. Conforme cada contexto em que nos inserimos, adequamos a nossa estética e o nosso discurso. Portanto, somos atores com

diversas identidades sociais, e apresentamos uma personalidade diferente e personalizada para cada tipo de espaço. Da mesma maneira que ocorre com as pessoas que não trabalham com a arte, a performance pode ser construída estrategicamente de distintas formas, de acordo com os interesses do artista ao se comunicar com seu público. Por outro lado, conforme destaca Larrubia (2020, p. 19) “[...] um artista pertencente ao cenário cultural da música pop precisa utilizar estratégias consistentes para fazer com que suas novas personas sejam notadas e bem recebidas”.

Finnegan (2008) considera que a canção existe não apenas em um texto, mas também na performance que acontece em um tempo e espaço específicos por meio do canto, da dança, das cores e de todas as materialidades que, reunidas, co-criam aquele contexto. Do mesmo modo, Dantas (2005) defende que na música popular massiva, a performance e a composição são elementos indissociáveis, ambas possuindo o mesmo nível de importância. O autor exemplifica afirmando que “um concerto pop nunca poderia ser resumido à execução de algumas seqüências de acordes e notas pré-estabelecidas. Em uma simples apresentação, podemos encontrar elementos de teatro, dança e retórica, entre muitos outros” (DANTAS, 2005, p. 2).

Larrubia (2020) explica que, no caso das divas pop, a performance é trabalhada como forma de elevar a representação imagética da artista ao nível do inalcançável. Já sobre a cena artivista das dissidências, Rocha (2018), Colling (2019) e Trói (2018) identificam que há uma relação horizontal e extremamente próxima do público que pode ser considerada muito mais de identificação do que de projeção, ao contrário do que ocorre com as celebridades. Acontecem, inclusive, participações do público durante as performances, que fazem parte das apresentações tanto quanto os artistas da cena artivista.

E qual é a relação entre performance e performatividade? A filósofa Judith Butler (2002) considera um equívoco a utilização dos dois conceitos como sinônimos: enquanto a performance de gênero seria uma teatralização, produto da vontade de quem a realiza, que é o caso de artistas drag, a performatividade de gênero não seria causada pela agência do indivíduo, mas pela repetição (da norma ou do seu desvio). A teoria da performatividade de gênero foi desenvolvida por Butler (1990) no seu livro *Problemas de gênero*. Ao longo dos anos, a autora revisou e ampliou a sua teoria, a partir de

críticas direcionadas a ela, feitas, principalmente, por pessoas pesquisadoras dos estudos de gênero e sexualidade.

Para Colling, Arruda e Nonato (2019), por outro lado, não é possível distinguir, em muitos casos, a performance da performatividade de gênero. Como exemplo, os pesquisadores apresentam o conceito de perfechatividade, a performance/performatividade de gays afeminadas fechativas. A perfechatividade também nos ajuda a enxergar a fronteira entre a dicotomia cis/trans de maneira borrada, pois, por meio dela, é possível identificar que as gays afeminadas fechativas, ainda que não se identifiquem como trans, ficam na inteligibilidade, demonstrando que resistem à normatividade e que há variedade na cisgeneridade.

Do mesmo modo, nas artes das dissidências, a performance e a performatividade de gênero muitas vezes são indissociáveis. A questão é que a performance, na cena artística das dissidências, tem como foco a vida, o corpo e a subjetividade das próprias pessoas artistas. Ou seja, isso significa que “[...] é complexo diferenciar performance de gênero e performatividade de gênero porque as obras e as vidas dos/as artistas são indissociáveis e, muitas vezes, a própria identidade de gênero e sexual é o motor das performances”, conforme argumenta Colling (2021, p. 16). Porém, o pesquisador reforça que, mesmo assim, não quer dizer que a performance do palco será idêntica a maneira como a pessoa performatiza o seu gênero e sexualidade em outros contextos, uma vez que na repetição, seja na arte ou na vida cotidiana, sempre ocorrem diferenças.

Para compreender de que maneira os artistas da cena artística das dissidências constroem as suas performances, considero importante fazer uma reflexão sobre o conceito de persona. O termo é utilizado em diversas áreas, como a psicologia, as artes cênicas, o marketing e os estudos de performance. A construção de uma persona envolve estratégias e costuma ter uma finalidade específica. No caso dos artistas da música, a persona criada pode estar vinculada a um novo lançamento, por exemplo. Então, o objetivo é mostrar uma transformação ou uma nova “Era”, como costuma ser dito na cultura pop, modificando cenário, aparência e maneira para que exista coerência entre todos esses aspectos e a nova persona que está sendo apresentada.

Pode-se chamar de “aparência” aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o status social do ator. Tais estímulos nos informam também sobre o estado ritual temporário do indivíduo, isto é, se ele está empenhado numa atividade social formal, trabalho ou recreação informal, se está realizando, ou não, uma nova fase no ciclo

das estações ou no ciclo de sua vida. Chamaremos de “maneira” os estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima. Assim, uma maneira arrogante, agressiva pode dar a impressão de que o ator espera ser a pessoa que iniciará a interação verbal e dirigirá o curso dela (GOFFMAN, 2014, p. 36-37).

No caso da cena artista, é importante considerarmos que a performance e a performatização de gênero estão diretamente relacionadas à construção de novas personas. É o caso de Linn da Quebrada: “Eu envidesci, eu fui bixa preta, fui mulher, fui bixa travesty, fui milhares, e agora, aos 30 anos, eu me pergunto, quem diabos sou eu”³. Todas essas personas mencionadas estão no trabalho artístico de Linn. Envidescer (2016), Bixa Preta (2017) e Mulher (2017) são músicas da cantora, enquanto Bixa Travesty (2018) é um filme sobre a sua trajetória. Portanto, Linn performou e performatizou essas personas. E agora, ao perguntar quem é, com a música Quem Soul Eu (2020), ela está nos contando uma história sobre a nova persona que virá a apresentar.

PERFORMANCES PLATAFORMIZADAS DO FIM DE UM CICLO

Três episódios específicos, observados durante esta investigação, me deram alguns indícios sobre a nova fase de Linn da Quebrada, que já estava se desenhando. São eles: uma *masterclass* no festival COQUETEL MOLOTOV.EXE, uma *live*/funeral na Casa de Francisca, e uma *live* de despedida com Jup do Bairro. Falarei sobre cada um deles, abaixo.

Entre os dias 1º e 11 de julho ocorreu a 16ª edição do festival COQUETEL MOLOTOV.EXE, pela primeira vez realizado inteiramente em formato virtual, contando com shows, oficinas e palestras. Linn da Quebrada participou em um dos dias, apresentando uma *masterclass*. O encontro ocorreu pelo *Sympla Streaming*, com transmissão via plataforma *Zoom*. Para participar foi necessária a inscrição prévia mediante contribuição espontânea. Todo valor arrecadado foi revertido em doações para uma cooperativa de mulheres catadoras de materiais recicláveis.

³ Transcrição minha de um trecho da fala de Linn da Quebrada na sua apresentação/aulão intitulado “Crítica à Linn da Quebrada: uma ode ao fracasso por Lina Pereira”, organizada pela Plataforma Lastro e realizada em 19 de novembro de 2020.

Na ocasião, Linn da Quebrada apresentou a sua fala e, posteriormente, respondeu a perguntas do público de aproximadamente duzentas pessoas. Particpei da *masterclass*, mas optei por não interagir com os demais participantes pelo chat durante o evento, nem com a artista, na etapa em que foi aberto o espaço para perguntas. analisando o material que transcrevi e assistindo a gravação do evento, identifiquei algumas semelhanças nas observações de campo e agrupei elas, conforme a temática, construindo seis categorias principais, que caracterizam a performance de Linn da Quebrada durante *masterclass*, conforme explicitado abaixo:

- a) Corpo e identidade – Na apresentação, a artista abordou as suas experiências pessoais para explicar como foi construída a sua identidade, pautando-se no seu próprio corpo como ferramenta política. Neste caso, a performance foi utilizada como uma forma de enunciação de si mesma e de construção das suas próprias narrativas.
- b) Invenção e resistência – Lina Pereira explicou que inventou a persona Linn da Quebrada para criar outras possibilidades para si, como forma de resistência. Por meio das suas músicas e performances, a artista assume diferentes identidades. Ao mesmo tempo que inventa outras realidades, ela se torna a sua própria invenção.
- c) Amor e poder – A artista falou sobre o amor como um espaço de disputa de poder e de legitimação, questionando as razões de determinados corpos serem considerados indignos de serem amados. Portanto, por meio da sua performance artivista, ela constrói novas rotas sexo-afetivas em resistência à cisheteronormatividade.
- d) Representação e participação – Linn da Quebrada explicou que a representatividade é importante enquanto uma forma de referência para outros corpos e identidades que historicamente não estão presentes nos espaços de poder. Mas que, ao mesmo tempo, pode ser perigosa caso seja utilizada como instrumento de apropriação de causas identitárias. Desse modo, a artista valorizou a participação, em vez da representação, com o intuito de incentivar a existência de mais vozes com alcance, tornando o diálogo mais heterogêneo, conforme a sua complexidade demanda.

-
- e) Conexões e processos – Na *masterclass*, ela falou sobre as plataformas digitais que são usadas como ferramentas de mobilização, constituindo redes para a prática continuada dos movimentos sociais. A artista destacou a potência de encontros como aquele em que estávamos e da criação de outros arranjos, núcleos familiares, formas econômicas e afetivas. Ao mesmo tempo, ela atravessa e é atravessada por artefatos tecnológicos.
- f) Loucura e morte – A artista partiu da ideia de loucura na perspectiva foucaultiana para refletir sobre a lógica de exclusão e segregação social que se opera sobre pessoas consideradas loucas. Junto disso, abordou a morte como uma metáfora que representa a interrupção ativa dos processos cisheteronormativos pelos quais todos são impactados.

Além dos temas tratados, é perceptível que há uma atualização nas práticas artivistas, considerando o contexto de pandemia. Se antes, eventos como videoconferências de artistas com o público e apresentações musicais em *lives* eram incomuns, atualmente, esses encontros se tornaram recorrentes, criando diferentes possibilidades de performances e de interações com os espectadores. Linn da Quebrada, assim como outros artistas da cena do artivismo das dissidências, já estava habituada a utilizar as plataformas de redes sociais, possibilitando a reinvenção do seu uso neste momento de isolamento social.

Outro episódio que acompanhei ocorreu em agosto de 2020: o espetáculo show (in)corporação. O evento ocorreu na Casa de Francisca, por meio do projeto de shows ao vivo e sem público presencial, chamado ATÉ O FIM, CANTAR. A proposta do projeto é realizar cine-lives com a realização de filmagens dos shows dirigidas por cineastas. A apresentação da Linn da Quebrada contou com o olhar do cineasta Diego Paulino, além da curadoria cinematográfica afetiva de Laís Bodanzky. A apresentação foi transmitida pela plataforma Cine Casa de Francisca, que pertence ao próprio local. Para acessar o show, foi necessário realizar um cadastro, pagando o valor de uma mensalidade da assinatura da plataforma, que na época custou R\$ 13,00.

A apresentação teve uma hora de duração e se iniciou com a artista em frente a um espelho, usando uma roupa branca, uma saia de babados e um lenço na cabeça. No mesmo ambiente, a percussionista Dominique faz a parte instrumental das canções,

enquanto Linn canta. No local, a câmera foca em uma grande coroa de flores com o nome de Linn da Quebrada. Ao final de algumas músicas, a artista fala sobre precisar lembrar de quem foi para descobrir quem é agora. Então, é projetada uma foto dela na infância. “Esse é o meu funeral, é o meu ritual de incorporação, onde eu posso incorporar em mim mesma e me livrar de todas que fui”, fala.

Na apresentação, a artista evoca elementos relacionados à morte, criando uma espécie de ritual para anunciar o encerramento daquela fase. Na época, sem muita explicação por parte da artista, a apresentação me pareceu um pouco fora de contexto. Ela já falava em matar e morrer antes disso – como, por exemplo, quando apresentou a *masterclass* –, mas ainda era algo pouco aprofundado. Na apresentação/funeral, o elemento da morte pareceu mais claro: ela anunciava ali o fim de um ciclo. Alguns meses depois, com o lançamento de *Mate & Morra* (2020), foi possível observar que a estética foi a mesma dessa apresentação. Aos poucos, os elementos foram se constituindo por meio das plataformas digitais utilizadas pela artista, construindo a história que ela queria contar a seu público.

O terceiro e último episódio observado foi a *Live Show: Linn do Bairro e Jup da Quebrada*. As artistas são amigas e foram parceiras de trabalho durante muito tempo. Assim como Linn, Jup fez parte do Coletivo Friccional e ambas já tinham apresentado performances juntas antes mesmo da parceria musical. Na música, Jup participou ativamente de *Pajubá* (2017) e se apresentou ao lado de Linn na maior parte dos shows realizados em turnês por todo o Brasil e também fora do país. Em junho de 2020, Jup lançou o seu EP de estreia, chamado “Corpo sem Juízo”.

As duas artistas não revelaram o motivo oficial, mas a divulgação da apresentação – chamada de *Live Show: Linn do Bairro e Jup da Quebrada* – referia-se a um “divórcio”, fazendo paródia da linguagem utilizada em veículos de fofoca. Em tom de brincadeira, típico das duas artistas, ficou nítido o desejo de Jup de se dedicar por completo ao trabalho solo e ao EP que havia lançado recentemente.

São Paulo, 18 de Setembro de 2020 - Linn da Quebrada e Jup do Bairro não estão mais juntas. O pivô da separação, dizem, foi o desejo de ambas em seguirem por seus próprios rumos e carreiras solos, levando na bagagem anos de uma parceria muito criativa e potente. Uma fonte anônima e amiga das duas foi ouvida pela assessoria e confirmou o que já era imaginado: para celebrar esta virada de jogo, as artistas realizam no domingo, 18 de Outubro, às 18h, a *live* Linn do Bairro e Jup da Quebrada.

“Acho que chegou a hora de deixar a Linn, sabe? Foi um relacionamento muito agitado: shows, viagens, horas e horas de gravações, talaricagens... Sinto que agora meu caminho se abre para outras direções e sei que ela vai seguir trilhando muito bem o dela também”, nos enviou Jup do Bairro por SMS.

Quando questionada sobre a novidade e o comentário de Jup, Linn foi enfática: “Nossa, olha como a Jup, é? Mas tudo bem, minha mequinha é linda e vai arrasar sozinha agora. E eu também tô vindo com tudo, vocês que se cuidem que esse ano eu tô de quarentena, mas não de férias!1!!”, respondeu Linn à assessoria via DM do insta.

No meio disso tudo, ficam as fãs, que terão uma oportunidade incrível de conferir ao vivo um projeto inédito de ambas as artistas. Elas já desenhavam essa apresentação para palcos físicos e agora a adaptaram para um formato totalmente online, que será feito respeitando as principais normas de segurança sanitária indicadas pela OMS e com todo carinho do mundo pela Linn e Jup.⁴

Assisti à apresentação ao vivo, que aconteceu pelo *Symppla Streaming*, com transmissão via plataforma *Zoom*. As artistas estavam em um ambiente que parecia ser a casa de uma delas. No fundo do espaço em que estavam, eram projetadas imagens de videoclipes de Linn da Quebrada na parede. Ambas usavam camisões em azul e vermelho e luvas. A camiseta de Jup tinha uma foto de Linn estampada, ao passo que a camiseta de Linn tinha uma foto de Jup, como uma homenagem mútua. As artistas possuem vivências e referências com diversas semelhanças, mas se diferenciam em muitos aspectos também.

Por problemas técnicos, a apresentação das duas artistas iniciou bastante atrasada, diferente da *live* na Casa de Francisca, que começou e terminou pontualmente no horário estipulado. Ocorreram diversas falhas na transmissão e no som, além de a minha própria internet ter caído algumas vezes, o que dificultou que eu acompanhasse a apresentação completa. Apesar desses empecilhos, consegui assistir a um pouco mais da metade do show.

Observando melhor, percebi que as camisetas que elas usavam e a projeção de imagens na parede remetiam ao último videoclipe das duas juntas, o Linn da Quebrada VS. Jup do Bairro – Bixa Preta Parte2 (2020), no qual elas disputam uma contra a outra como se fossem personagens de videogame de jogos clássicos, como Mario Kart e Mortal Kombat. Em relação ao show em si, elas ficaram entre muitos momentos de alegria e dança e alguns de choro e emoção pelo encerramento do ciclo da parceria. Ao

⁴ Disponível em: https://www.symppla.com.br/live-show-linn-do-bairro-e-jup-da-quebrada__984301. Acesso em: 27 jun. 2021.

longo de toda a apresentação, o público fez comentários lamentando a separação, mas contrapondo com o incentivo ao trabalho de cada uma também separadamente.

MUNDINHO TRAVA LÍNGUAS

Em entrevista realizada para o portal Elástica, Linn da Quebrada relata sobre o novo momento que está vivendo e como isso está se refletindo no seu trabalho artístico. Questionada sobre a cena musical atual estar mais aberta a artistas que desafiam as normas de gênero – em comparação a quando ela lançou Pajubá, em 2017 –, a artista demonstrou a sua insatisfação em ter o seu trabalho limitado a determinados rótulos:

O mercado quer que eu seja empoderada o tempo todo, que a gente corresponda a uma imagem que não diz mais respeito a mim, quer que eu continue falando sobre as mesmas coisas. Traz as mesmas perguntas e espera as mesmas respostas. Quando isso acontece – se você está em outro lugar, mas te questionam sobre onde você estava antes –, você tem que voltar e dar conta de uma representação. Então, sua posição não muda. O mercado faz isso para que consiga nos capturar, que aquilo consiga ser capturado, porque aquilo vende. É um esgotamento da sua imagem e uma preservação do espaço que você ocupa, assim eles conseguem prever os nossos movimentos. É como se dissessem “aqui é o espaço da sua revolta, milita aqui dentro”. Quando nos definem – definir, gosto de entender essa palavra como “o que dá fim – dentro desse espaço de militância, estão nos limitando e limitando nossa relação com o público. Por exemplo, quando falam em “música de militância”, “música LGBT”. Não é isso, gente. Como se eu, Liniker, Pabllo Vittar, Gloria Groove, Jup do Bairro e tantas outras estivéssemos no mesmo lugar, fazendo a mesma coisa, sendo que nossas produções são muito diferentes. O que a gente está fazendo é múltiplo. Você não fala “música heterossexual, música cisgênera”, fala? Isso só demonstra que nós somos uma exceção dentro do babado todo. É claro que falar sobre direitos LGBTQIA+, pautas da comunidade negra, tudo isso está na minha música, mas não precisa ser sublinhado. Quando você sublinha, isso dificulta que o público entenda o que é que você está propondo ali naquela relação. Vão pensar que entenderam, mas não (PEREIRA, 2021).

Ao esgotar as suas personas anteriores – enviadescida, bixa preta, mulher, bixa travesty – Linn da Quebrada realiza o seu próprio funeral e evoca novas possibilidades para si. Não para agradar ao mercado, conforme declara, mas sim para encontrar-se em si mesma, da mesma maneira que ocorreu na criação de Pajubá (2017).

O Trava Línguas – novo álbum de Linn da Quebrada lançado em julho de 2021 – foi viabilizado pelo projeto Natura Musical, que “[...] atua há 15 anos no fomento e

valorização da cultura no Brasil, por meio do uso responsável e transparente de recursos incentivados”, conforme informa o site do programa. Os projetos artísticos são selecionados pelo Natura Musical para serem patrocinados por meio de edital com a curadoria de profissionais da música. Linn já anunciou que o álbum terá onze faixas, com a produção e direção musical de BADSISTA, a percussão de Dominique Vieira, além de contar com participações especiais de outras artistas ainda não reveladas.

Em abril de 2021, a artista iniciou o projeto Mundinho Trava Línguas, que conta com um grupo privado no Facebook e um podcast no Spotify. Em ambos espaços, Linn compartilha com o público os seus processos pessoais e de criação do novo álbum. “A ideia de produzir e publicar estes conteúdos partiu da própria #EquipeDaQuebrada, que notou um crescimento notável de público nos formatos mais voltados ao áudio, como podcasts e afins” (RG, 2021).

O podcast, que se aproxima mais de um relato íntimo, estilo “áudio de amiga no WhatsApp”, conta com vários episódios. Alguns possuem falas de participantes do projeto artístico Trava Línguas, mas a maioria deles é gravada por Lina Pereira, que conta sobre as suas inseguranças, processos que está vivendo, sentimentos de ansiedade e satisfação com a criação do álbum, entre outros relatos pessoais e coletivos. Já no grupo, a artista compartilha fotos e vídeos do processo e disponibiliza os seus áudios que são publicados no Spotify, além de escrever para o público, pedindo que mandem perguntas e comentários para ela responder e abordar nas gravações do podcast.

O pré-lançamento do álbum, que ocorreu na noite de 16 de julho de 2021, foi realizado em um evento aberto ao público, pela plataforma *Sympla Streaming*, com transmissão via *Zoom*. Na ocasião, Linn da Quebrada falou sobre cada uma das faixas e, aos poucos, elas foram sendo transmitidas na *live*, em primeira mão. Além disso, ela conversou com o público e agradeceu a todos os fãs presentes, lendo o nome de cada pessoa que estava na *live*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar esses episódios, foi possível compreender que Linn da Quebrada estava contando uma história ao seu público, que se trata do encerramento da era Pajubá e do possível início da era Trava Línguas, em algumas etapas: A autoinvestigação, a

partir da pergunta sobre quem se é; O resgate da sua história passada e das personas anteriores; O ritual de despedida dessas personas e da parceira Jup do Bairro que esteve presente em todo esse período anterior, e que constituía a construção dessas personas; E a apresentação, quando Linn da Quebrada pede para ser olhada de novo, pois já não é a mesma da qual se lembram.

As diversas plataformas digitais são utilizadas como ferramentas para abordar toda essa narrativa, até o lançamento do novo álbum. Linn demonstra que o corpo é parte fundamental das suas apresentações. Afinal, o corpo e a performatividade de gênero dos artistas são a sua própria expressão artística. “Nesse sentido, essas pessoas artistas chegam a borrar as fronteiras entre performance e performatividade de gênero, defendidas por Butler (2002)”, explica Colling (2019, p. 32). É o caso de Linn da Quebrada, que performa e performatiza a sua constante transição por meio do trabalho artístico.

Na cena artivista, os corpos se desfazem e se refazem no próprio ato de performance/performatividade. Neves e Scudeller (2020) utilizam o operador conceitual remix para tratarem desses corpos que estão em constante trânsito de sexualidade e de gênero. Conforme explicam, é reinventado um “corpo vivo, aberto às possibilidades do devir, calcado na experimentação, na expressão, um corpo potente, um corpo que escape dos ditames de uma cisgeneridade e de uma heterossexualidade impostas”. Portanto, a artista, explicita essa transformação conscientemente, utilizando da estética, do corpo, da musicalidade e da linguagem, transtornando as expectativas do mercado e tomando para si, mais uma vez, a narrativa da sua própria história.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgressoras**. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icária editorial, 2002, p. 55-80.

COLLING, Leandro. O que performances e seus estudos têm a ensinar para a teoria da performatividade de gênero? **Urdimento**. Florianópolis, v. 1, n. 40, mar./abr. 2021.

COLLING, Leandro. A emergência e algumas características da cena artivista das dissidências sexuais e de gênero no Brasil da atualidade. In: COLLING, Leandro. **Artivismos das dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 11-40.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murilo. Nascimento. **Perfechatividades de gênero**: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. Cadernos Pagu. Campinas. n. 57, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8658138>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

DANTAS, Danilo Fraga. **A dança invisível**: sugestões para tratar da performance nos meios auditivos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2005.

FINNEGAN, Ruth. In.: **Palavra cantada**: ensaios sobre poesia, música e voz. MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth e MEDEIROS, Fernanda Teixeira de (Orgs.). Rio de Janeiro: 7 letras, 2008. 346p

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LARRUBIA, Tatyane Berbereia. "**No one stays the same**": construção de personas como estratégia de reinvenção artística na música pop. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

NEVES, T. T.; SCUDELLER, P. A. P. O Remix como Aposta Subjetiva, Sexual e Política em Linn da Quebrada. In: **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020, Salvador. GP Comunicação e Culturas Urbanas, p. 1-16, 2020.

ROCHA, Rose de Melo. ENTREVISTA: 'Artistas de gênero' e a transformação pela música. **Portal Gênero e Número**. 7 fev. 2018. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/entrevista-artistas-de-genero-e-transformacao-pela-musica/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

TRÓI, M. **Corpo Dissidente e Desaprendizagem**: do Teat(r)o Oficina aos A(r)tivismos Queer. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 162, 2018.

TRÓI, M. **Corpo Dissidente e Desaprendizagem**: do Teat(r)o Oficina aos A(r)tivismos Queer. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 162, 2018.